

KAIO GERMANO SOUSA DA SILVA
CELIANA LIMA DA SILVA
VERA LUCIA OLIVEIRA DOS SANTOS
LUINALDO DA SILVA SOARES
MICHELLE KELLEN RAMOS BRITO JARDIM

MULTIFACETADAS LINGUÍSTICA DO ESTADO DO MARANHÃO: A ELABORAÇÃO DA LIBRAS, LÍNGUA DE SINAIS KAAPOR BRASILEIRA E A LÍNGUA PORTUGUESA NO DIALETO MARANHENSE

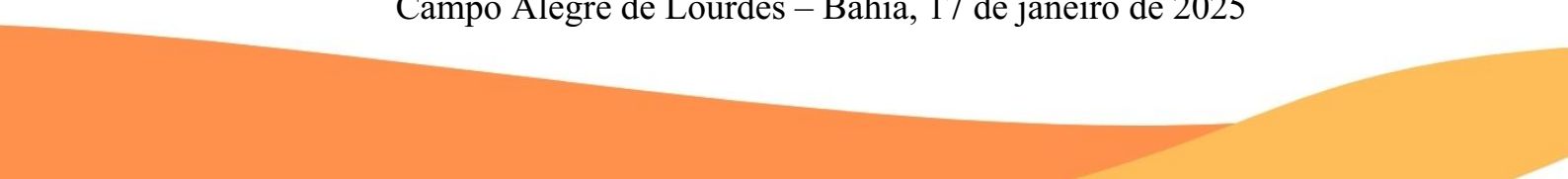


KAIO GERMANO SOUSA DA SILVA
CELIANA LIMA DA SILVA
VERA LUCIA OLIVEIRA DOS SANTOS
LUINALDO DA SILVA SOARES
MICHELLE KELLEN RAMOS BRITO JARDIM

**MULTIFACETADAS LINGUÍSTICA DO ESTADO DO
MARANHÃO: A ELABORAÇÃO DA LIBRAS, LÍNGUA DE SINAIS
KAAPOR BRASILEIRA E A LÍNGUA PORTUGUESA NO DIALETO
MARANHENSE**

DOI: <https://doi.org/10.58871/2025.ed.1.sinais>
ISBN: 978-65-83124-12-8

1ª Edição
EDITORA ACADEMIC
Campo Alegre de Lourdes – Bahia, 17 de janeiro de 2025



Copyright© dos autores e autoras.

Todos os direitos reservados. Esta obra é publicada em acesso aberto. O conteúdo dos trabalhos, os dados apresentados, bem como a revisão ortográfica e gramatical são de responsabilidade de seus autores, detentores de todos os Direitos Autorais, que permitem o download e o compartilhamento com a devida atribuição de crédito, mas sem que seja possível alterar a obra de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais. Revisão e normalização: os autores e autoras.

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Multifacetadas linguística do Estado do Maranhão
[livro eletrônico] : a elaboração da libras,
língua de sinais Kaapor brasileira e a língua
portuguesa no dialeto maranhense / Kaio
Germano Sousa da Silva...[et al.]. -- 1. ed. --
Campo Alegre de Lourdes, BA : Editora Academic,
2025.

PDF

Outros autores: Celiana Lima da Silva, Vera
Lucia Oliveira dos Santos, Luinaldo da Silva
Soares, Michelle Kellen Ramos Brito Jardim.

Bibliografia.

ISBN 978-65-83124-12-8

1. Expressões idiomáticas 2. Expressões
populares 3. Língua Brasileira de Sinais 4.
Linguística 5. Maranhão (Estado) - Aspectos
culturais I. Silva, Kaio Germano Sousa da.
II. Silva, Celiana Lima da. III. Santos, Vera
Lucia Oliveira dos. IV. Soares, Luinaldo da
Silva. V. Jardim, Michelle Kellen Ramos Brito.

25-249079

CDD-410

Índices para catálogo sistemático:

1. Linguística 410

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

MULTIFACETADAS LINGUÍSTICA DO ESTADO DO MARANHÃO: A ELABORAÇÃO DA LIBRAS, LÍNGUA DE SINAIS KAAPOR BRASILEIRA E A LÍNGUA PORTUGUESA NO DIALETO MARANHENSE

APRESENTAÇÃO

Santos e colaboradores (2020) em seu estudo observam que o dialeto maranhense é único em todo território nacional, possui seus vícios linguísticos, porém ainda se consegue flexionar verbos e empregar os pronomes em sua forma correta. No que se refere a Libras (Língua Brasileira de Sinais), descrevem que acontece uma diversificação de sinais na sua elaboração própria e repasse de emoções em todos os aspectos, isso é característica própria deste Estado. Acerca da tribo Kaapor, o que se sabe é que tiveram seu surgimento na região banhada pelos rios Xingu e Tocantins, há 300 anos.

O objetivo principal deste trabalho é apresentar o multilinguismo presente no estado do Maranhão, abordando dialetos, sotaques, surgimento, variações, entre outros aspectos e concretizar a linguística do Maranhão e sua importância em valorizar o bilinguismo e as línguas de sinais indígenas dentro de salas de aula tendo como base as políticas públicas da educação inclusiva, diversidade cultural e educacional.

Este trabalho consiste em uma investigação bibliográfica narrativa e descritiva, sendo esta realizada através de consulta em bases de dados de pesquisa como a Scientific Electronic Library Online (SCIELO), o Education Resources Information Center (ERIC) e o Google acadêmico. O estudo trouxe reflexões importantes sobre a relevância das línguas presentes no estado do Maranhão como a Língua Portuguesa oral e as línguas sinalizadas de Libras e a Língua de Sinais Ka'apor Brasileira (LSKB), bem como também caracterizou as multifacetadas linguísticas presentes no Estado e sua relevância em valorizar o bilinguismo e a língua de sinais indígena.

Palavras-chave: Urubu-Ka'apor; Dialectos Maranhenses; LIBRAS.

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como temática a abordagem comportamental do dialeto das línguas oficiais do Brasil e uma Língua de Sinais indígena presente no Maranhão, trazendo análise do modo expressivo de se comunicar da população do estado, observando através da literatura disponível, sotaques, variações de palavras, sinais, surgimento da língua de sinais Kaapor Brasileira tendo como foco os aspectos culturais na elaboração do dialeto próprio da unidade federativa, supracitada acima.

Deste modo, Santos e colaboradores (2020) em seu estudo integrativo, observaram que o dialeto maranhense é único em todo território nacional, possui seus vícios linguísticos, porém, isso causa impedimento ao uso dos verbos flexionados e emprego dos pronomes em sua forma correta. Os autores no que se refere a Libras (Língua Brasileira de Sinais) descreveram que acontece uma diversificação de sinais na sua elaboração própria e repasse de emoções em todos os aspectos o que é próprio deste estado.

Acerca da tribo Kaapor, o que se sabe é que tiveram seu surgimento na região banhada pelos rios Xingu e Tocantins, há 300 anos. Autores relatam que isso se deu devido a conflitos com os colonizadores e outros povos nativos, dando assim a migração em 1870, que transpassou através do rio Gurupi até o Maranhão. Como a incidência de surdez nas tribos Kaapor é muito alta, os mesmos desenvolveram uma língua de sinais como método de incluir os índios nascidos Surdos (PIB, 2021).

Nessa perspectiva, discutir de forma geral, a cultura linguística do estado do Maranhão tendo como base a língua de sinais Kaapor Brasileira como protagonista na formação cultural multilinguística de tal Estado, com o objetivo de anseio da pesquisa central empoderar, através deste estudo, os dialetos das línguas utilizadas neste Estado e demonstrar a particularidade de cada uma e o coletivo em sua inserção e interação com o meio que convive bem como também abranger a tribo Urubu-Kaapor, que corre risco de ser extinta e levar consigo sua cultura, fazendo com que a sociedade de forma geral possa compreender e conhecer a cultura desses sujeitos, como também auxiliar na formação de sua identidade (SOUZA, 2021).

Para a realização deste estudo, trabalhou-se uma revisão de literatura narrativa, com base em uma ampla discussão da produção temático-científica, que teve como ponto de partida responder o seguinte questionamento: Como se elabora a dinamização da Libras, Português e Língua de Sinais Kaapor Brasileira dentro do estado do Maranhão? Para obter-se tal resposta, teve como base os seguintes objetivos: apresentar através da revisão narrativa o multilinguismo das línguas presentes no estado do Maranhão, abordando dialetos, sotaques, surgimento, variações e entre outros aspectos concretizar a linguística do Maranhão e sua

importância em valorizar o bilinguismo e as línguas de sinais indígenas dentro de salas de aulas, tendo como base as políticas públicas da educação inclusiva, diversidade cultural e educacional.

Para atingir este objetivo e responder às questões levantadas neste trabalho, utilizou-se como base, uma análise da literatura existente. A prática é baseada em evidências e visa determinar se um método pode efetivamente lidar com o problema por meio dos resultados de outras pesquisas, avaliar a qualidade das pesquisas encontradas e o mecanismo de atendimento. Como ponto de partida, envolve a definição do problema, a busca e análise das indicações disponíveis, a implementação de amostras na prática e a avaliação e qualidade dos achados (SILVA et al., 2021).

A organização do artigo está caracterizada e destituída da seguinte forma: Uma análise da língua LIBRAS no contexto educacional, legislativo e cultural dentro do estado do Maranhão, uma explanação dos aspectos gerais da Língua de Sinais Urubu-Kaapor e o tópico que traz a Língua Portuguesa e como os maranhenses a falam.

Toda sociedade em vivência, necessita de cultura para elaborar sua identidade. Deste modo, a Cultura dos Caapores tem como característica, a aquisição e elaboração da língua sinalizada própria, determinando um obstáculo vencido na comunicação e expressividade dos Surdos ao utilizá-la e, por fim, o maranhense conhecido por falar tão bem a Língua Portuguesa. A escolha do tema surgiu pela curiosidade de determinar todos os aspectos que rodeiam as multifacetadas e culturas linguísticas do Maranhão e do seu povo tão característico em se expressar, no falar e sinalizar.

METODOLOGIA

Estudos de revisão bibliográfica estão caracterizados em três tipos, que são eles: narrativos, integrativos e sistemáticos. Deste modo, na perspectiva deste trabalho, o mesmo traz uma abordagem de pesquisa qualitativa, utilizando a investigação bibliográfica narrativa e descritiva, sendo esta realizada através de consulta em bases de dados online de pesquisa: Scielo (Scientific Electronic Library OnLine), ERIC (Education Resources Information Center), Google acadêmico, decretos, leis, bases legislativas estaduais e sites de secretarias governamentais (SILVA et al., 2021). Com realização no ano de 2021, com artigos dentro do delineamento temporal de 1986 a 2021.

Minayo (2018) diz que as profundidades dos atos das pessoas, quanto às reações, estão em real consonância e incorporados na pesquisa qualitativa, em que a mesma explica as complicações das relações consideradas, a centralidade e respostas das reações humanas e seus sentimentos geradores, afetiva e de cunho racional que pode ser conceituada e formada no

cotidiano, por meio da vivência e da explicação. Ainda, pode responder a questionamentos privados, em um espaço e algum meio mais abrangente em sentidos das relações humanas, considerando como sujeitos do objeto do estudo pessoas que são incluídas em um determinado grupo, com seu humor, concepções da vida, valores, significados e práticas individuais.

Por sua vez, a pesquisa descritiva interpretativa permite a descrição e distinção, características e causas do fenômeno (GIL, 2010). Métodos qualitativos ajudarão a aprofundar a realidade proposta, em busca do sentido e da essência do fenômeno em estudo, não apenas seu valor numérico, conforme descrito na pesquisa qualitativa (OLIVEIRA, 2011).

Para a pesquisa em base de dados fez-se necessário o uso de descritores, ou seja, palavras chaves e suas consonâncias nas línguas portuguesa, espanhola e inglesa: “Urubu-Kaapor 1”, “Dialeto Maranhenses 2”, “LIBRAS 3”. Palavras com um certo grau de similaridade foram usadas em outras bases de dados. Neste sentido, seguindo o caminho metodológico, foi possível identificar 50 artigos de acordo com esses termos usados. Em seguida, fez-se a leitura com rigor detalhista, obtendo assim o resultado de 34 artigos, sendo 14 artigos oriundos do Google acadêmico, 10 oriundos da Scielo e 10 oriundos do ERIC.

Dentre os critérios de inclusão estão: a identificação e caracterização do artigo, ano de publicação no recorte temporal (1986 a 2021) e clássicos, artigos fora do recorte temporal de alta relevância que abordem a temática do multilinguismo no estado do Maranhão. Também foram investigados documentos e obras governamentais referentes à importância das línguas, dialetos, semântica e pragmática na formação da cultura linguística Maranhense.

Foram excluídos artigos sob a forma de cartas ao editor, comentários, séries de casos, resumos inéditos, trabalhos que não atendiam aos objetivos e ao tema proposto, juntamente com os descritores "1", "2", "3"; os que não se enquadraram no termo anterior e os que não estavam disponíveis na íntegra. Os artigos foram lidos com atenção e crítica e selecionados os textos que melhor tratassem do assunto.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS).

A partir do movimento de pesquisa educacional e cultural no contexto dos Surdos, a cultura surda pode ser compreendida como um modo de vida, um meio de construção de identidade, de interação com a comunidade, contribuindo para caracterização dos povos com surdez, contribuindo para elaboração do estilo de vida destes sujeitos (MÜLLER et al., 2020).

Com isso, no modo de entendimento no campo de vivência do Surdo, pode-se caracterizar como um campo de lutas e conquistas, um espaço que ainda existem conflitos na

elaboração da identidade, trazendo para os aspectos culturais os mesmos, ainda existem suas circulações através de fissuras e rachaduras presentes na comunidade, com complexidade em seus significados” (SILVA et al., 2021).

Sendo assim, a lei 10.436/2002 determinou a Libras como a língua primordial para os Surdos, mas foi somente em 2005 que foi estabelecido os requisitos de uso da linguagem Libras, o que contribuiu para a educação de todos estes indivíduos no Brasil, como externou o decreto presidencial 5.626/2005 regulamentando a lei supracitada acima (SILVA et al., 2019).

A linguagem Libras em sua estrutura possui grafia e gramática próprias, e assim como todas as línguas oralizadas também têm seus dialetos e linguísticas, como sinais diferenciados que vão variando de estado a estado, tanto na sinalização cultural como na elaboração própria de significados. A Libras e suas especificidades adaptativas tornam a vida do Surdo mais inclusiva (SILVA et al., 2021).

No Maranhão, a lei nº 8.708 de 16 de novembro de 2007, reconheceu o estado como uso corrente da língua gestual:

Art. 1º Fica reconhecida oficialmente, pelo Estado do Maranhão, a linguagem gestual codificada na Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, e outros recursos de expressão a ela associados, como meio de comunicação objetiva e de uso corrente.

O estado do Maranhão dentro do contexto legislativo dispõe de 08 (oito) leis que atendem os Surdos em seus diversos âmbitos, desde intérpretes em cursos preparatórios, inclusão de professores formados em Letras – Libras para o ensino na rede estadual e a mais atual a lei nº 11.097, de 5 de setembro de 2019 que dispõe sobre a presença de intérprete de Língua Brasileira de Sinais (Libras) nas exposições de eventos públicos culturais e sociais no Estado do Maranhão (MARANHÃO, 2021).

O dialeto da Libras maranhense possui variações em sua forma própria de elaboração de sinais, respeitando a cultura local e manifestações, por exemplo, sinalização de comida típicas, danças e até mesmo as gírias. Silva e colaboradores (2021) externam que as variações de sinais funcionam como sotaque, conhecido na Língua Portuguesa, a forma de expressão da Libras no Maranhão é própria e não existe em outro lugar. As associações dentro do estado lutam diariamente para esse dialeto não se perder e há quem diga que até os sotaques, das matracas do Bumba- meu- boi, são interpretados.

As comidas típicas têm suas sinalizações, respeitando as características organolépticas, cheiro verde, vinagreira, juçara, camarão, dentre outros têm uma forma de manifestação da Libras própria, dentro do estado do Maranhão, os Surdos conseguem expressar a sinalização destas comidas e alimentos, como “cheiro bom” “comida deliciosa”, dentre outros sentimentos.

Urbano e colaboradores (2021) falam que a linguagem e a sociedade estão inextricavelmente ligadas, a linguagem está relacionada ao status social do falante e a linguagem pode ser usada como um sinal da identidade de um determinado grupo social. É importante notar que isso não se torna motivo para valorizar ou menosprezar certas variantes, mas para observar que crianças e idosos têm expressões de linguagem diferentes, e homens e mulheres usam variantes de linguagem diferentes e essas diferenças são influenciadas pelo meio-ambiente.

Enfim, esse tópico se fundamenta em trazer a importância de observar a Libras não somente como sinalizações, traduções e interpretações,, mas também, como língua de expressividade adornada à cultura vivenciada. Neste capítulo, é notória a abordagem linguística e dialética de tal língua de sinais, fornecendo base para que futuros professores, alunos e comunidade científica possam usualmente adotar metodologias como essa, no intuito de facilitar a aquisição da Libras, associada à sua formação e sapiência pautadas na vivência regional.

LÍNGUA DE SINAIS KAAPOR BRASILEIRA (LSKB).

Denominados Kaapor, o povo indígena, habitante da terra no Alto Turiaçu, com localização na unidade federativa Maranhão, Brasil, tem como principal dialeto a língua da família pertencente a Tupi-Guarani e tronco Tupi, enquanto seu nome tem por origem dos vocábulos ‘ka’a’, que significa floresta, e ‘por’, que tem significância da alusão da palavra ‘habitante’. De acordo com Balée (1998, p. 1), “Tais indígenas também estão sob os nomes Urubu, Kambô, Urubu-Caápor, Urubu-Kaápor, Kaapor”.

Localizado ao norte do Maranhão, o seu atual território, a terra Indígena do Alto Turiaçu, com 1.584 habitantes aproximadamente segundo dados populacionais do IBGE (2010), onde é repassada e preservada sua cultura. Esse território é compartilhado com os demais indígenas, a exemplo os Tembê, Timbira e os Awá-Guajá, mas sendo em sua maioria pertencentes ao povo Kaapor, tendo sido demarcada como Terra Indígena Alto Turiaçu pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) no ano de 1978 (GARCÉS et al., 2014).

Desta maneira, a Lei nº 6.001, de 19 de dezembro de 1973, em seu artigo 6º, estabelece a condição dos índios e determina com clareza essa questão cultural indígena:

“Art. 6º São respeitados os costumes, hábitos e tradições dos povos indígenas e seus efeitos sobre as relações familiares, heranças, bens e ações ou negócios entre os povos indígenas, a menos que se aplique o direito consuetudinário. Parágrafo único. Normas do direito consuetudinário. relações entre não indígenas e pessoas de fora da comunidade indígena, com exceção daqueles que lhes sejam menos favoráveis e estejam sujeitos ao disposto nesta lei”.

Sendo um dialeto único, o idioma Kaapor se caracteriza como uma língua que não é usada por nenhum outro povo conhecido, com exceção de outros residentes da mesorregião Gurupi, já que não são ponderados e concernentes aos Kaapor. A língua é analisada como incompreensível, sendo diferente em várias características das outras línguas indígenas, sendo oralizadas ou sinalizadas da região, assim transluz Santos (2015) em consonância com Balée (1998).

Os Urubus- Kaapores têm uma alta taxa de surdez, o que torna uma pessoa surda ao nascer para qualquer grupo de 75 ouvintes, que é a média para outras raças. Por esse motivo, a tribo possui sua própria língua de sinais (A Língua de Sinais Kaapor Brasileira - LSKB), a mesma é comum dentro da comunidade surda da tribo em questão, seus membros ouvintes a usam como forma de participação comunicativa com os nascidos Surdos.

Segundo Oliveira Gomes (2019), a linguagem viso-motora surgiu espontaneamente por meio da necessidade e da interação expressiva entre os usuários e deu sentido a cada necessidade diante da comunicação, assim a autora externa neste sentido da seguinte forma:

“A linguagem de sinais é uma linguagem natural, porque a linguagem falada surge espontaneamente da interação entre as pessoas e, devido à sua estrutura, permite a expressão de qualquer conceito descritivo, emocional, racional, literal, metafórico, concreto. Os resumos abstratos e abstratos permitem que você expresse qualquer significado que surja das necessidades de comunicação e expressão humanas. A linguagem de sinais difere da oral por usar o espaço visual e a mídia ou canais auditivos não-verbais. Portanto, eles são espacialmente conectados e visualmente percebidos, I. H. usam o espaço e as dimensões para transmitir significados nos mecanismos "fonéticos", morfológicos, sintáticos e semânticos que os compõem, e esses significados são transmitidos pelo usuário da mesma forma de percepção. Dimensão do espaço. Portanto, costumam ter a forma de símbolos, ou seja, procuram recriar a forma da linguagem do referente real em suas propriedades visuais. Esta iconicidade é mais evidente na estrutura da língua de sinais do que na estrutura da língua falada por esse fato, e como o espaço parece ser mais específico e tátil do que o tempo, é a dimensão usada na linguagem falada e auditiva que ele é transmitido temporariamente. A sequência de tons formam sua estrutura ”.

A existência padronizada de uma língua de sinais do povo Kaapor, é diferente das línguas de sinais de outras tribos e da própria Libras, usada para a comunicação com os índios surdos, sua origem se justifica pelo fato de que, até meados da década de 80, por volta de 2% a sua população foi atingida pela Varíola Aviária, desencadeando quadros de surdez, descritos por Kakumasu em uma expedição realizada em 1965 (SANTOS, 2015 apud CERQUEIRA & MARCOS, 2015).

Balée (1998) relata que os Ka'apor são diversificados linguisticamente, peculiares na Amazônia, por possuírem essa língua padronizada de sinais, usada para se comunicarem com

sujeitos surdos, facilitando sua comunicação em geral nestes grupos, ou até mesmo sendo um indivíduo com surdez, visitando uma outra aldeia sendo distante ou não, elabora a capacidade da comunicação com um membro de outra aldeia sem problematizações.

Gomes (2021) relata que ainda pouco se fala de fato da forma usual da língua de sinais pelos índios Urubu-Kaapor, como relatado anteriormente, sabe-se que a incidência de Surdos na aldeia é de 1 a cada 75 nascidos. Devido a esse elevado quantitativo, fez-se necessário a criação de uma Língua de Sinais como forma de comunicação, inclusão e enfrentamento das barreiras comunicativas. O modelo vai se aprimorando e, com o passar dos anos, novos sinais vão surgindo.

Santos (2019) em um estudo de caso sobre aspectos fonéticos e fonológicos da Língua de Sinais Ka'apor, partindo de valores geradores desta linguagem, foi possível elaborar uma análise, dentro do movimento de dispersão das vogais, denominando o espaço acústico ocupado por cada série de segmento. Com isso, conclui-se que o estudo das vogais da língua Ka'apor, têm finalidade de auxiliar de forma descritiva as principais características da abordagem fonemológica dos sons emitidos. A autora concluiu a existência das seguintes qualidades vocálicas: [a, ã, ε, ε̃, i, ã, ã, ã, ã, ã, u, ã].

Deste modo, trabalhar a importância cultural e funcionalidade desta língua em sala de aula e em abordagens em pesquisas científicas, é de suma importância para valorizar a mesma e combater a extinção linguística de códigos de linguagens pautadas em enfrentar barreiras comunicativas, permitindo uma prática generalista destes povos. Esse tópico se objetiva neste modelo de uma explanação genérica, resumida, mas de grande valia para o conhecimento na aplicabilidade acadêmica e científica. É notório também que a língua de sinais Kaapor Brasileira caminha para sua pesquisa de confirmação gramatical própria.

LINGUÍSTICA KA'APOR X LINGUÍSTICA PORTUGUESA.

Junto com as línguas Takunyapé, Wayampí (Oyampí), Wayampipukú, Emérillon, Amanayé, Anambé, Turiwára e Guajá, o Kaapor é uma das oito línguas do VIII ramo da família de línguas Tupi Guarani (RODRIGUES 1985, 1986, 1999). Além das citadas, também está associada à língua Jo'é (CABRAL 1996). Os primeiros documentos sobre a linguagem vêm de Kakumasu (1968,1976,1986); Kakumasu e Kakumasu (1988; 1990), após a descrição da sua classificação com a obra de Corrêa da Silva (1997) e com as descrições dos aspectos gramaticais de Silva (2001), Caldas (2001), Lopes (2007), Caldas (2009); o segundo com sugestão lexicográfica para a língua Kaapor.

Embora a predominância da linguagem Kaapor seja evidente na maioria das aldeias, existe uma preocupação por parte dos idosos e gestores com a manutenção da linguagem, o que envolve diálogos frequentes no ambiente escolar em busca de inovação no Kaapor.

O empréstimo do Português nesta língua decorrente da situação de contato possibilita a inserção de palavras e, em alguns casos, estimula o aumento do léxico, pois o falante Kaapor busca compreender o elemento lexical pertencente à comunidade linguística. Nesse processo, a nomeação costuma inserir um novo elemento cultural no Kaapor, tanto pela sua constituição quanto pela função que desempenha.

Os novos itens lexicais são amplamente vistos como um artefato que invade essa linguagem. A suposição do termo artefato decorre de sua natureza como objeto representativo da linguagem e da cultura, assim como a língua de sinais é significativa para os surdos em geral. Portanto, nesta abordagem, o artefato é entendido como uma “forma individual de cultura material ou produto consciente do trabalho humano” (HOUAISS 2010).

Artefatos culturais Kaapor são enriquecidos e por vezes substituídos por novos termos portugueses. Nesse sentido, as diferentes: Língua Portuguesa e Língua Kaapor, adaptam-se aos seus aspectos fonológico, morfossintático e semântico-pragmático para estabelecer um intercâmbio cultural. A base teórica para sustentar essa relação encontra-se na cooperação intercultural indicada por Mato (2008), o que torna mais transparente a percepção do papel da tradução nas línguas envolvidas nos processos de contato. A alusão do autor a este ponto de vista indica que (MATO 2008: 113):

Do meu ponto de vista, os problemas mais difíceis de resolver desenvolver formas e experiências específicas de colaboração interculturais são a "tradução". Com esta palavra não faço alusão apenas para os problemas de tradução de palavras e ideias de uma linguagem para outra, mas para aquelas de visões de mundo, sensibilidades e sentido, são problemas de comunicação intercultural, no que devemos trabalhar cuidadosamente em cada caso e contexto.

A apresentação do material lexical sobre empréstimos portugueses levanta os elementos lexicais relacionados com a nomeação de artefatos culturais, nomes de lugares e pessoas, e léxicos, retirados do Kaapor Lusófono, traduzidos por estes utilizadores bilíngues. Aqueles com pouco ou nenhum grau de bilinguismo. As categorias de antropônimos, topônimos e termos seguem análises e discussões que refletem o intercâmbio entre diferentes culturas e buscam entender que alguns termos também tomaram o caminho inverso: do Tupi ao Português e novamente do nível inferior da língua Kaapor (CALDAS, 2013).

Estudos sobre empréstimos de Português para línguas indígenas apontam a peculiaridade do procedimento, uma vez que as diferentes situações nas respectivas línguas

mostram que esses empréstimos se devem a diferentes graus de bilinguismo. Para Braggio (2010), os créditos que passam no filtro linguístico apresentam um maior grau de bilinguismo, mas a língua materna é a base para a entrada de novos termos.

Nesse sentido, o “elemento novo” motiva a adoção do empréstimo linguístico e, conforme a natureza de sua trajetória, também recebe as condições de ingresso em determinada língua. Esse fato caracteriza as associações e adaptações morfosintáticas que derivam, por exemplo, da derivação em ka'apor, como em ko, 'xícara' em tamanho pequeno, que leva o nome de kora'yr (ko 'xícara' ra'yr 'pequeno' - 'ka'apor). No contexto fonológico, o ajuste fez ocorrência na acentuação, com a supressão da sílaba átona final pó de 'xícara', uma vez que o acento na língua Ka'apor é bemol; morfologicamente, um nome português recebia o afixo ka'apor. Da mesma forma, menciona - se paratupe " pe, de ka'apor = instrumento 'feito de' e paraty ~ paratu 'forno' (em forma de prato), léxicos combinados com um nome retirado do português 'prato', mas adaptado ao sistema morfofonológico por ka'apor. Nessa língua, o grupo consonantal "pr", estranho ao sistema, é fragmentado, seguindo o esquema do CV, e, portanto, uma vogal ocupa o centro da sílaba "pa" (CALDAS, 2013).

Os empréstimos do Português em ka'apor como fator de inovação lexical no sistema fonológico oferecem a substituição de segmentos inexistentes na língua-alvo por outros disponíveis nesta (língua original). O repertório ka'apor compreende uma série de léxicos emprestados relativos a elementos usados na cozinha, vestuários, artefatos tecnológicos e medicamentos, que, inseridos na gíria de termos portugueses, com ajuste fonético e em alguns casos com ka. A fusão dos afixos formam novos itens lexicais. O plano de composição destes termos representa, sobretudo, a já mencionada soberania da língua quanto à estruturação e preservação das características morfofonológicas decorrentes do ka'apor.

Enfim, os artefatos culturais portugueses geralmente entram na língua Ka'apor, desde que inicialmente regidos pelos fones de ouvido presentes nessa língua. No inventário fonético-fonológico do ka'apor, a ausência dos sons do português leva a adaptações dos sons a partir de um ponto de articulação mais próximo. Portanto, as alterações feitas nos nomes possuem regras que garantem a fonotática da língua Ka'apor (CALDAS, 2013).

PORTUGUÊS FALADO NO MARANHÃO

O português utilizado no Maranhão, como ocorre em outros estados do país, contém as peculiaridades que desencadeiam a realidade geográfica, cultural e social do estado. Isso mostra que o falante é ao mesmo tempo um agente ativo e um agente passivo no processo de mutação

da linguagem, principalmente do vocabulário, porque aceitou sua herança linguística da comunidade.

Deste modo, assim como a Libras, a Língua Portuguesa também sofre variações na sua forma de falar, esse modo de falar, ou seja, o sotaque vai variando de estado para estado, região para região e muitas vezes de cidade para cidade. Alves (2010) em seu estudo do emprego do “tu” e “você” determinou que o estado do Maranhão, dispõe de forma mais correta os pronomes citados.

Deste modo Ramos (1997), em seu estudo de sotaque e dialetos observou que a influência da língua portuguesa no Maranhão, se deu ao Estado ser palco de acontecimentos marcantes na colonização, berço de grandes poetas internacionais bem como também, a invasão dos franceses e holandeses, já que ambos os povos, mesmo não tendo o mesmo idioma, permearam entre as línguas, palavras que derivam de origem francesa e passaram ao léxico da Língua Portuguesa.

Costa (2020) em seu estudo observou a mudança lexical das palavras no estado do Maranhão, e chegou à conclusão de que as variáveis de palavras sofrem mudança na escrita e na palavra de acordo com cada região do estado, sendo que o sul e sudeste demonstram igualdades nas escritas, demonstrando assim, que o Estado apresenta multifacetárias linguísticas.

Ainda em Costa (2020), sobre uso correto dos pronomes pessoais, a mesma classificou que as regiões que mais aplicam de forma correta em uso de frases, são as regiões cocais e da capital, São Luiz, neste sentido observando regiões que tiveram presença de colonizadores frequentes foram às mesmas descritas neste estudo. Pode-se notar que a região dos Cocais é o berço de grandes poetas de impacto internacional.

Deste modo, Santos e coautores (2020) em uma análise geo sociolinguística do Português falado no Maranhão, observou que no Português e na preservação lexical das palavras ditas “antigas” conclui que os falantes mais idosos são os que mais usam vocabulários com dialetos antigos, mas que também, classificou que os homens são mantenedores das heranças lexicais do português falado no Maranhão.

No que se refere ao sotaque no Maranhão, Fagundes e companhia (2015) determinou, que é característico dos maranhenses, o abaixamento das vogais médias pretônicas, mas não foram identificadas as variáveis acentuadas do “e” e “s”, apresentando um português com pronúncia mais estável. Certo que, vale ressaltar que nenhuma região ou estado, fala o Português mais “correto”, pois cada forma de expressar e falar é a maneira correta.

Nesta perspectiva, estudo de Cardoso e coautores (2020) sobre o sotaque, demonstrou, análise perceptual sobre a variação prosódica, corroborou com a análise acústica, visto que as variáveis analisadas nos testes perceptuais atribuíram condições favoráveis para a distinção das modalidades entoacionais, declarativa neutra e interrogativa total e atestaram semelhanças entre as variedades dialetais de São Luís e Belém.

Enfim, este tópico traz uma reflexão que o Português ensinado em sala de aula no Maranhão, não deve ser privativo de um ensino somente geral, mas que traga o dialeto maranhense para à prática pedagógica, com a principal finalidade de quebrar mitos e tabus, acerca dos sotaques e dialetos da cultura local, haja vista, que esse capítulo abordou a semântica e pragmática desta língua, neste Estado, as formas lexicais como essa população flexiona os verbos e aplica os pronomes, dando um olhar mais integrativo na formulação de metodologias no repasse de conhecimentos. A observação explanada neste estudo vem contribuir diretamente na formulação de estratégias pautadas na educação linguística cultural, deixando um pouco de lado um ensino padronizado e tornando os currículos mais adaptativos e flexíveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo trouxe reflexões importantes sobre a importância das línguas presentes no estado do Maranhão como a Língua Portuguesa oralizada, a Libras e a LSKB ambas sinalizadas, em todos seus aspectos, bem como também caracterizou as multifacetadas linguísticas presentes em tal Estado e sua extrema relevância em valorizar o bilinguismo e as línguas de sinais indígenas, no contexto de salas de aulas, baseando-se nas estratégias de políticas públicas da educação inclusiva e cultural. A aquisição de línguas influencia diretamente no molde da identificação cultural dos sujeitos locais, e como essa, através das adaptações curriculares e produções científicas, pode influenciar diretamente na comunicação conhecendo o comportamento de dialetos, interação educacional e social com várias línguas, permitindo o conhecimento da complexidade de determinadas culturas presentes no Estado, auxiliando na divulgação das mesmas e na promoção da autonomia com o intuito de combater a extinção.

Uma vez que a problemática acerca da valorização linguística do Maranhão foi observada no âmbito dos estágios do curso de Licenciatura de Letras – Libras, os profissionais da educação não abordavam a coexistência de sistemas linguísticos do próprio Estado, muitos não tinham conhecimentos de uma Língua de Sinais Indígena, das variâncias próprias da região ao que lecionava, se prendendo ao ensino monótono. Essa abordagem metodológica põe em risco uma cultura única no âmbito das comunicações, cultura, línguas e seus empregos locais.

O projeto se identifica em propor diversidade em campos educacionais tendo como base o dialeto maranhense.

O presente estudo conseguiu demandar os objetivos propostos, em destaque do corpo desta revisão, explanando todos os aspectos linguísticos das línguas supracitadas acima desde a importância da aquisição da Libras no aspecto legislador, expressividade da cultura regional e educacional, destacando também a Língua de sinais Kaapor Brasileira em sua origem, relevância cultural na comunicação e entre outros temas pertinentes e por fim, a Língua Portuguesa e sua junção elaborada dentro de sotaques, lexicais, semânticos e pragmáticos conhecendo sua trajetória e sua influência na identidade cultural na citada unidade federativa do Brasil. Essa temática é importante na elaboração do sentido de erudição e como também fortalecimento dos aspectos culturais na característica geolinguística e multifacetária.

Evidenciou-se que, os aspectos linguísticos das línguas abordadas no presente artigo não contribuem somente para a elaboração cultural, mas também são técnicas que permeiam a facilitação do ensino e aprendizagem, como também adaptações curriculares e flexíveis que valorizam o multiculturalismo linguístico. As demandas neste campo são urgentes e emergentes, pois quando uma língua corre sério risco de extinção, isso demonstra a falta de compromisso dos governantes nestas áreas.

Com isso, faz - se necessário que este tema tenha maior extensão no campo educacional e social, como uma estratégia complementar ao ensino inclusivo e aquisitivo de linguagem e comunicação. Contudo, as narrações surdas não vêm somente caracterizar culturalmente o surdo, elas também dão suporte ao professor no processo de desenvolvimento cognitivo discente, com surdez ou ouvintes, essa estratégia preconiza um olhar dinâmico e motivador que contribui na socialização das metodologias e adaptações curriculares do ensino como um todo, tornando o saber mais atrativo.

Portanto, é necessário que este tema tenha uma maior extensão no campo da educação e social, como estratégia complementar para o ensino inclusivo e cultural das línguas estudadas e abordadas nesta narrativa. No entanto, as narrações não apenas caracterizam o maranhense, rico culturalmente, mas também auxiliam os professores no desenvolvimento cognitivo de alunos a nível educacional fazendo uma interligação entre a inclusão e o multiculturalismo linguístico tanto das línguas oficiais como as indígenas oralizadas e sinalizadas.

Este estudo, proveniente de uma pesquisa de abordagem científica e metodológica, permite ser extremamente relevante e útil aos profissionais que atuam nas multiáreas da educação no âmbito social e afins com o objetivo de facilitar a compreensão do contexto laboral das muitas faces na elaboração linguística do Maranhão, vindo com o propósito de proporcionar

identidade cultural regional, além de fazer uma relação com a prática, empregar a técnica auxiliadora na busca de aquisição linguística e da sua importância para o aprendizado, no aspecto de estratégias curriculares no fortalecimento de políticas públicas educacionais e fomentando as interações sociais no âmbito escolar, cultural e social. Por fim, há necessidade de estudos com essa temática serem realizados a fim de investigar melhor o multilinguismo do estado do Maranhão.

REFERÊNCIAS

ALVES, Cibelle Corrêa Béliche. **O uso do tu e do você no português falado no Maranhão**. 2010. 144f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza-CE, 2010.

BALÉE, W. **Culturas de Distúrbio e Diversidade em substratos Amazônicos**. Disponível em:< http://www.biochar.org/joomla/images/stories/Cap_3_Balee.pdf>. Acesso: 21 de Maio de 2021.

_____. **Povos indígenas no Brasil: Ka'apor**. Disponível em:<<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/kaapor>>. Acesso: 21 de Maio de 2021.

BRASIL. DECRETO Nº 7.387, DE 9 DE DEZEMBRO DE 2010. Disponível em:< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7387.htm>. Acesso: 23 de Maio de 2021.

_____. **LEI Nº 6.001, DE 19 DE DEZEMBRO DE 1973**. Disponível em:< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6001.htm>. Acesso: 23 de Maio de 2021.

BRASIL. Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 25 abr. 2002a. BRASIL.

BRAGGIO, Silvia Lucia Bigonjal. Reflexões sobre os empréstimos do tipo loanblend e direto na língua xerente akwén. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 18, n. 1, p. 87-100, 2010.

CALDAS, Raimunda Benedita Cristina. Nomeação em Ka'apor: reflexões sobre a tradução em face dos empréstimos do português. **Tradterm**, v. 22, p. 217-237, 2013.

CARDOSO, Brayna Conceição dos Santos et al. **A variação prosódica dialetal do português falado em São Luís do Maranhão**. 2020.

CABRAL, Beatriz. **Urubú-ka'apor: da gramática à história: a trajetória de um povo**. 1997. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília.

CABRAL, Ana. Algumas evidências linguísticas de parentesco genético do Jo'ê com as línguas Tupí-Guaraní. **MOARA–Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras ISSN: 0104-0944**, v. 3, n. 04, p. 47-76, 1997.

CENTRO UNIVERSITÁRIO LEONARDO DA VINCI. **NBR 14724:2011: DIRETRIZES E REGULAMENTO DO PROJETO DE ENSINO LICENCIATURA EM LETRAS LIBRAS**. 2 ed. Indaial: SC, 2021. 23 p. Disponível em: [file:///C:/Users/ACESSO/Downloads/diretrizes_e_regulamento_do_pr%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/ACESSO/Downloads/diretrizes_e_regulamento_do_pr%20(2).pdf). Acesso em: 16 ago. 2021.

COSTA, Eliane; RAZKY, Abdelhak; GUEDES, Regis. O português falado em comunidades indígenas de língua Tupí-Guaraní nos estados do Pará e Maranhão: o contínuo dialetal étnico/não étnico no campo semântico Atividades Agropastoris. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 36, 2020.

DECRETO n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União, Brasília**, 23 dez. 2005.

FAGUNDES, Giselda et al. **O abaixamento das vogais médias pretônicas em Belém/PA: um estudo variacionista sobre o dialeto do migrante maranhense frente ao dialeto falado em Belém/PA**. 2015.

GARCÉS, López et al. Textos: exposição “Ka’apor Akaju kawĩ yta muheryha”(“A festa do cauim do povo Ka’apor”). **Belém: MPEG**, 2014.

GIL, Antonio. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, Elenira. INTRODUÇÃO HISTÓRICA DA LÍNGUA DE SINAIS KAAPOR. **Revista em Favor de Igualdade Racial**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 33–41, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/RFIR/article/view/3095>. Acesso em: 22 out. 2021.

GOVERNO DO ESTADO DO MARANHÃO. Lei nº LEI Nº 8.708, de 16 de novembro de 2007. Reconhece oficialmente, no Estado do Maranhão, como meio de comunicação objetiva e de uso corrente, a linguagem gestual codificada na Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS e dá outras providências. **Lei Ordinária Estadual Nº 8.708 de 16 de Novembro de 2007**. São Luís, MA, Disponível em: <https://stc.ma.gov.br/legisla-documento/?id=1939>. Acesso em: 20 set. 2021.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico da língua portuguesa**, 2010

KAKUMASU, James; KAKUMASU, K. **Dicionário por Tópicos Urubu-Ka’aporPortuguês**. Brasília: Summer Institute of Linguistics/Fundação Nacional do Índio, 1988. _____. Karai Ta Namõ Mukatuha Rehe Har: a Pacificação dos Urubú-Ka’apor. Belém: SIL/Fundação Nacional do Índio, 1990a.

MARANHÃO. ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO MARANHÃO. **Bases de dados de Leis no âmbito da inclusão**. Disponível em: http://legislacao.al.ma.gov.br/ged/busca.html;jsessionid=_cm0AGSBIInmo2IN3nAf2AEz_nN Cds_GTK16rZM6M.intranet. Acesso em: 22 out. 2021.

MATO, Daniel. No hay saber" universal", la colaboración intercultural es imprescindible. **Alteridades**, v. 18, n. 35, p. 101-116, 2008.

MINAYO, Maria; COSTA, António. Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa. **Revista Lusófona de Educação**, v. 40, n. 40, 2018.

MÜLLER, Janete; KIST, Karoline. **Língua Brasileira de Sinais e cultura surda: práticas inclusivas em um Instituto Federal**. LÍNGUATEC, v. 5, p. 62-74, 2020.

OLIVEIRA, Maxwell. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração**. Catalão: Universidade Federal de Goiás, 2011.

PIB - POVOS INDÍGENAS NO BRASIL. **Ka'apor**. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Ka'apor>>. Acesso em: 22 outubro. 2021.

RAMOS, Conceição. **O português falado em São Luís: os pronomes pessoais na posição de sujeito**, 1997. (mimeo).

_____. **O clítico de 3ª pessoa: um estudo comparativo português brasileiro/espanhol peninsular**. Maceió, 1999.109f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós- Graduação em Letras, Universidade Federal de Alagoas, 1999.

RODRIGUES, Aryon . Relações internas na família linguística Tupí-Guaraní. Revista de Antropologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1985, p. 27/28: 33-53. _____. Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Loyola, 1986. _____. Tupí. In: The Amazonian Languages. **Cambridge: Cambridge University Press**, 1999, p. 107-124.

SANTOS, Elizabeth. **Língua Urubu Ka'apor: um estudo de caso sobre aspectos fonéticos e fonológicos**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2019.

SANTOS, Irlan. O Acesso do Surdo Ka'apor em sua Comunidade Indígena à Educação: uma discussão de inclusão. **VII Jornada Internacional de Políticas Públicas-UFMA. Maranhão**, 2015.

SANTOS, Israel; PORTO, Laryssa; SANTOS, Georgiana. “E Aquela Peça com Dentes que Se Encaixam?”: uma análise geossociolinguística do português falado no Maranhão. **Papéis: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens-UFMS**, v. 24, n. Especial, p. 34-51, 2020.

SOUZA, Elzeni Bahia Gois de. **LSKB e Índios Surdos**. Disponível em: <<https://oprofessorweb.wordpress.com/2015/04/02/lskb-e-indios-surdos/>>. Acesso em: 22 out. 2021.

SILVA, Kaio. Functional properties of babassu coconut mesocarp flour: a nutritional alternative against Covid-19. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. e58010212851, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i2.12851. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/12851>. Acesso em: 22 oct. 2021.

SILVA, Kaio et al. The importance of Deaf Literature in the cultural elaboration of the Deaf Subject: Findings of a review . **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 8, p. e59610817954, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i8.17954. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/17954>. Acesso em: 22 oct. 2021.

SILVA, Kaio. Affectivity as a methodological practice in children's education: A narrative review. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 4, p. e36410414053, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i4.14053. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/14053>. Acesso em: 22 oct. 2021.

SILVA, Kaio et al. A intermediação alfabetizadora com o intérprete de libras. **Revista Ciência & Saberes**, v. ISLMC, p. 52-58, 2019.

SILVA, Kaio et al. A inclusão do surdo e deficiente auditivo no âmbito educacional: uma revisão. **Revista Ciência & Saberes**, v. ISLMC, p. 36-45, 2019.

SILVA, Kaio et al. O contexto social do surdo: conhecendo a inserção deste nos seus diversos âmbito. **Revista Ciência & Saberes**, v. ISLMC, p. 46-51, 2019.

SILVA, Kaio. et al. Libras no contexto educacional: uma revisão literária na contemporaneidade. **Revista Ciência & Saberes**, v. ISLMC, p. 59-67, 2019.

SILVA, Diná Souza; DE QUADROS, Ronice Muller. Línguas de sinais de comunidades isoladas encontradas no Brasil. **Brazilian Journal of Development**, v. 5, n. 10, p. 22111-22127, 2001.

URBANO, Ana et al. A variação linguística na LIBRAS: um estudo semântico-lexical dos sinais de animais em São Luís-MA. **Littera Online**, v. 12, n. 22. 2021.

SOBRE OS AUTORES (AS)



KAIO GERMANO SOUSA DA SILVA

kaiogsds@hotmail.com

De Caxias Maranhão, terra do ilustre Gonçalves Dias, filho de professores, lavradores e quebradeiras e coco babaçu. Fanático pelo mundo de fantasias, romances, suspenses e drama, desde de criança imaginava - se ser um grande aventureiro, tem como inspirações Maria Firmina dos Reis, J.K Rowling, Clarisse Lispector, Gonçalves Dias, George R. R. Martin, C. S. Lewis e entre outros. Mestre e Doutorando pelo Programa de pós-graduação em Alimentos e Nutrição – PPGAN/ UFPI; Possui graduação em Nutrição pela Faculdade de Ciências e Tecnologia do Maranhão (2017), graduação em Licenciatura em Letras - Libras pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2022), graduação em Licenciatura em Pedagogia pelo Centro Universitário ETEP (2022), graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas pelo Centro Universitário ETEP (2022), graduação em Bacharel em Teologia Livre pela Faculdade e Seminário Teológico Nacional (2018). Tem experiência na área de Nutrição, com ênfase em Desenvolvimento de produtos e Ciências dos Alimentos e Educação Especial e Ensino de Metodologias ativas e científicas, atuando principalmente nos seguintes temas: Libras, Surdo, Inclusão, coco babaçu, doenças in- amatórias e Vignas. Autor do livro “Meu babaçu de cada dia”, mais de 20 capítulos de livros publicados e vários poemas expostos em antologias nacionais e internacionais. Membro imortal da Academia Internacional de Literatura Brasileira (AILB) e Membro correspondente da Academia Inclusiva de Autores Brasileiros (AIAB).



CELIANA LIMA DA SILVA
cellyanan1988@gmail.com

Ouricuriense (PE). Filha de Lourival Medeiros de Lima (pedreiro) e Marinez da Silva Lima (auxiliar de almoxarifado). Mestranda PROFEI-UEMA, Graduação em Ciências Biológicas pela Faculdade de Formação de Professores de Araripina- FAFOPA (2007-2010), Graduação em Letras-Libras, Centro Universitário Leonardo da Vinci-UNIASSELVI. Especialização em Educação Inclusiva, Especial e Políticas de Inclusão pela Universidade Cândido Mendes, especialização em Língua Brasileira de Sinais LIBRAS pelo Centro de Ensino Superior Múltiplo-CESM e Especialização em Ciências da Natureza, Suas Tecnologias e Mundo do Trabalho pela Universidade Federal do Piauí-UFPI (2022). Atualmente é Professora/Intérprete de Libras- SEDUC-SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO- MARANHÃO (2016 até presente data), porém já atuou como Tradutora/Intérprete de Libras no Instituto Federal do Maranhão IFMA-Bacabal-MA (2018/2019), Instituto Federal de Pernambuco – IFSERTÃO.



VERA LUCIA OLIVEIRA DOS SANTOS

vlosantosjjj@gmail.com

Graduada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Piauí (2011), e em Letras Libras pela Universidade Estadual Federal do Piauí (2018). Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional e Educação Especial pela Faculdade Latino Americano FLATED. Atuo como professora efetiva na rede estadual do Piauí como professora de ensino médio desde 2018 e rede municipal de ensino da cidade de Campo Largo Piauí desde 2009. Atualmente sou mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Inclusiva - PROFEL, pela Universidade Estadual do Maranhão-UEMA.



LUINALDO DA SILVA SOARES

luinaldos@gmail.com

Mestrando no Programa de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva em Rede Nacional - PROFEI. Pesquisa sobre Educação Inclusiva, tendo como foco a Educação Especial, especificamente a Língua Brasileira de Sinais - Libras; à Pessoa Surda; e as Práticas de Ensino dos professores de Língua Portuguesa em salas de Ensino Comum de perspectiva Inclusiva em produções textuais em língua portuguesa escrita por estudantes surdos. Possui pós-graduação em Libras com Educação Especial e em Educação à Distância - EAD. Pesquisa também na área da Literatura, com foco em Literatura Erótica em Prosa e Poesia; Graduado em Licenciatura Plena em Letras Português pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI. Professor Contratado da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA desde 2017; E Professor/Intérprete de Língua Brasileira de Sinais - Libras, da Seduc-Maranhão, no Centro de Educação Especial Prof. Maria da Glória Costa Arcangeli - CAS/Maranhão, desde 2016.



MICHELLE KELLEN RAMOS BRITO JARDIM
michellebjardim@gmail.com

Sou licenciada em pedagogia, graduada pelo UNICEUMA. Sou Licenciada em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, possuo especialização em: Educação Especial Inclusiva pela Uniasselvi, possuo especialização em Libras pela Faculdade Cândido Mendes, Possuo especialização em Atendimento Educacional Especializado - AEE pela Faculdade Cândido Mendes, Possuo especialização em Gestão Educacional Escolar pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. Sou professora instrutora de Libras na Rede Estadual de Ensino do Maranhão, sou professora de educação especial no município de Rosário -MA, sou professora no Programa Ensinar da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, disciplina Libras.Mestranda em Educação Especial - Programa PROFEI/UEMA

